

A INÉRCIA AFETIVA DE MULHERES COM DIPLOMA DE ENSINO SUPERIOR: excesso de trabalho, trajetórias afetivas não realizadas e prejuízos emocionais¹

*Maria Chaves Jardim**
*Thaís Caetano de Souza***

Os estudos sobre o amor têm crescido ao longo dos anos, evidenciando a centralidade que o tema tem ganhado na sociedade contemporânea. Nessa agenda de estudos, um tema pouco estudado é a ausência ou privação do amor. Neste artigo, buscamos objetivar a privação do amor a partir de um grupo de mulheres solteiras heterossexuais na faixa dos 40 anos e com diploma de ensino superior. Nossa estratégia metodológica foi a imersão virtual a partir de um curso sobre relacionamento e a reconstrução da trajetória de duas mulheres. Os dados indicam que essas mulheres fazem parte de uma geração que investiu na carreira e, por isso, tiveram uma ruptura na trajetória afetiva quando transgrediram uma das principais regras do campo do amor: o casamento. Além disso, o excesso de trabalho ajudaria a isolar essas mulheres afetivamente, que passam a ter prejuízos emocionais em decorrência da privação afetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Trabalho. Carreira. Trajetória não realizada. Prejuízos emocionais.

INTRODUÇÃO

Com as alterações trazidas pela revolução sexual dos anos 1960 e a consolidação da importância da vida privada, da família e da intimidade, os indivíduos passaram a investir mais energia na busca de um amor do que na participação em um partido político, no trabalho ou nas questões de sua comunidade (Martuccelli, 2016). O encontro de um amor torna-se o novo Deus e a nova missão que passa a dar sentido à vida dos agentes sociais. O amor torna-se a fonte da felicidade (Jardim, 2019). Com isso, a experiência romântica torna-se a

principal dimensão da autorrealização e da felicidade moderna, o que leva os indivíduos a buscar conciliar a vida pública com a vida pessoal, colocando como prioridade os relacionamentos afetivos (Martuccelli, 2016).

A busca pelo sucesso afetivo acontece em um contexto em que o jargão “*you can*” (Han, 2017) é proferido como verdade inquestionável, estimulando indivíduos a não medirem esforços para o encontro da dita alma gêmea. Nesse contexto, existe uma crença de que é proibido ser infeliz e, portanto, há uma obrigação explícita de ser feliz, que passa a ser entendida como ter um amor e/ou uma família. Por outro lado, aqueles que estão privados de um amor sentem-se constrangidos e culpados e avaliam que há algo de errado consigo, uma vez que entendem como individual esse fracasso (Jardim, 2019).

É nesse contexto de busca frenética por um amor que nosso artigo se localiza. O artigo cruza três grandes discussões, sendo elas amor, trabalho e prejuízos emocionais, a partir de uma pesquisa de campo realizada com um grupo de mulheres solteiras, heterossexuais, na faixa dos 40 anos e com ensino superior.

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, Rod. Araraquara Jau, 1 – Campos Ville. Cep: 14800-700. Araraquara – São Paulo – Brasil. nespom.official@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5715-1430>

** Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, Rod. Araraquara Jau, 1 – Campos Ville. Cep: 14800-700. Araraquara – São Paulo – Brasil. ícc.souza@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7121-5146>

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/03410-0 (auxílio à pesquisa) e do CNPQ na rubrica Bolsa Produtividade.

A estratégia metodológica consistiu na realização de uma etnografia virtual em um curso sobre relacionamentos, intitulado “Meditação Para o Amor”, além da reconstrução da trajetória afetiva e profissional de duas mulheres participantes do curso. Nossa inspiração teórica são as teorias sobre o amor (Giddens, 1993; Illouz, 2011; Martuccelli, 2016) e a sociologia de Pierre Bourdieu (1996), especialmente sua discussão sobre trajetória e *habitus*. Ainda com inspiração em Bourdieu, o amor é definido por nós como um bem simbólico, no sentido que é objeto de disputa e de desejo entre agentes sociais, sendo que a posse de determinados capitais traria trunfos simbólicos e distinção no campo do amor (Jardim; Paoliello, 2022).

Além desta introdução e da conclusão, o artigo apresenta, em um primeiro momento, como o amor foi constituído como um ideal de felicidade moderna, que gera, contraditoriamente, múltiplos sofrimentos quando tensionado com o mundo social. Em um segundo momento, são apresentados os desafios das mulheres no mercado de trabalho, demonstrando a tensão existente entre carreira, casamento e família. Por fim, passamos para a apresentação e análise dos dados, que indicam que as mulheres estudadas fazem parte de uma geração que investiu na carreira e, por isso, tiveram uma ruptura na trajetória afetiva quando transgrediram uma das principais regras do que chamamos provisoriamente de campo do amor, o casamento, o que resultou em prejuízos emocionais para essas mulheres.

O AMOR COMO PROMESSA DE FELICIDADE

Com a secularização, o sentido da vida baseado na relação com o sagrado e com a comunidade foi enfraquecido. Com isso, novas formas de atribuir sentido a ela foram consolidadas. O amor erótico, que é uma forma do amor romântico, por exemplo, consolidou-se como um dos principais esteios de sentido in-

dividual (Martuccelli, 2016). Segundo Martuccelli (2016), o amor erótico se consolida como uma nova figura de sentido e de promessa de felicidade, ao lado do crente, do cidadão e do burguês, figuras históricas que tradicionalmente conferiram sentido à humanidade. Se antes se morria pela pátria ou por Deus, hoje o amor assume esse papel ideal de sacrifício, pelo qual um número considerável de pessoas estaria disposto a morrer. Mas não de modo efetivo, como nos exemplos clássicos da literatura romântica, e sim no sentido de um “sacrifício prosaico e refletido na pessoa amada” (Martuccelli, 2016, p. 148).

Contudo, sem negar a importância da religião (crente), dos valores coletivos (cidadão) e do trabalho (burguês), Martuccelli (2016) sugere o amor como um novo sentido da vida, já que seria por meio dele e, também, pela sua ausência, que se iniciaria uma crise de sentido nos indivíduos contemporâneos. Nesse sentido, a existência do amor não elimina a crise de sentido que se formou com a secularização da modernidade, mas produz uma profunda transformação, uma vez que o amor faz com que essa crise se torne mais “carnal”, mais “epi-sódica” e, acima de tudo, mais “biográfica” e “individual”. Assim, estaríamos diante do amor conferindo sentido individual, pois “tudo tem e faz sentido no amor; fora dele, a vida é vivida como um absurdo” (Martuccelli, 2016, p. 17).

Sem o amor, o sucesso profissional e a abundância financeira são destituídos de sentido. “Na ausência dele [o amor], para muitas pessoas, o interesse pelo trabalho, a ambição, o poder, a busca da riqueza, embora não desapareçam, são vividos como destituídos de sentido. A felicidade – e não apenas o ideal – está no amor” (Martuccelli, 2016, p. 148). Tal afirmação dialoga com Giddens (1993), para quem o sujeito moderno é fragmentado e só se sente completo quando está em um relacionamento com o outro. Nesse contexto, o amor, especialmente o romântico, tornou-se a nova concepção de unidade na sociedade moderna, em detrimento do senso de coletividade (Giddens, 1993; Martuccelli, 2016).

Segundo Rüdiger (2012), desde meados do século XX, o amor romântico se tornou central no projeto de felicidade moderna, amplamente fomentado pela indústria cultural. Assim sendo, amor à primeira vista, noção de alma gêmea, idealização do outro, par ideal e o “final feliz” foram alguns dos ideais românticos difundidos. Nas músicas, nos filmes e nas telenovelas, as personagens estão predestinadas a se encontrar e viver uma grande história de amor. Elas são construídas para serem a alma gêmea uma da outra, na qual o encontro está imbuído de certa mística e o amor se dá à primeira vista. Entretanto, o casal se depara com diversos obstáculos para concretizar o amor, mas, no fim, o dito “final feliz” soluciona todos os problemas existentes, concretizando esse amor e selando a felicidade do casal. Nesse sentido, a promessa do encontro da alma gêmea foi amplamente disseminada como solução para todas as adversidades, assim como uma via de acesso à felicidade plena (Souza, 2022).

Com isso, Rüdiger (2012) argumenta que o conteúdo patriarcal do casamento foi gradativamente abolido à medida que a indústria cultural progredia e difundia novos parâmetros para viver o amor, que estariam, agora, vinculados à paixão e à junção quase simbiótica do casal rumo à felicidade prometida. Esse redirecionamento para a subjetividade do indivíduo, em detrimento dos valores morais e coletivos do grupo social, permitiu que o indivíduo firmasse relações baseadas em seus sentimentos e afeições, e não mais em razão dos deveres sociais. No entanto, o retorno não foi à felicidade plena.

Segundo Rüdiger (2012), o ideal de amor comercializado, do encontro do par romântico e da promessa de felicidade tornaram-se uma utopia para o indivíduo moderno, que permanece em constante busca de sua concretização, embora intimamente admita sua imponderabilidade. Isso revela uma antítese entre a propaganda difundida do amor romântico e a vivência concreta da experiência amorosa: no mundo social, a vivência afetiva está permea-

da por sofrimentos e ilusões derivadas da promessa de felicidade. Desse modo, a realidade seria antagônica à concretização das expectativas românticas (Rüdiger, 2012).

Portanto, o amor ou sua ausência também é fonte de sofrimento psíquico e adoecimento mental, na medida em que a experiência romântica se torna crucial para o sentimento de autorrealização e felicidade moderna. Segundo Illouz (2011), as experiências de abandono e amor não correspondido são tão cruciais para biografia do indivíduo moderno quanto as formas políticas e econômicas de humilhação social. A ansiedade, a autodepreciação e a depressão são formas de sofrimento já embutidas nos relacionamentos contemporâneos (Illouz, 2011).

Portanto, ao mesmo tempo em que o amor assume uma centralidade na vida contemporânea e se torna uma figura de sentido, ele é vivido de forma efêmera. Busca-se viver uma história de amor e construir uma biografia mútua em direção a um futuro compartilhado (Giddens, 1993), mas permeada por experiências amorosas fugazes. Apesar das incertezas e instabilidades, o amor é cada vez mais desejado, o que faz com que as pessoas transitem de um relacionamento para outro a fim de encontrar sua alma gêmea (Illouz, 2011; Jardim; Moura, 2017).

Para Illouz (2011), as incertezas, as inseguranças, as expectativas e as frustrações trazidas no bojo do ideário do amor romântico têm se tornado fonte de sofrimento mental e psíquico, assim como a sua não realização dentro de seu receituário, qual seja, casamento com filhos e final feliz. Contrariando seu postulado de felicidade plena, o amor revelou-se fonte de múltiplos sofrimentos, refletindo as tensões e contradições da vida contemporânea. Por outro lado, a ausência ou a privação do amor também tem trazido sofrimento. As mulheres estudadas neste artigo relacionam a privação do amor ao excesso de trabalho, considerado por elas o grande algoz de suas vidas afetivas.

O EXCESSO DE TRABALHO, A FAMÍLIA E O AMOR

Em termos históricos, a industrialização é o período ilustrado para a inserção da mulher no mundo do trabalho, sobretudo das mulheres mais pobres. Entretanto, Gardey (2003) pontua que as mulheres sempre trabalharam, mas suas atividades, vinculadas ao cuidado com o lar, ao trabalho no campo e no comércio, foram omitidas pelas análises socioeconômicas do século XIX, sendo consideradas trabalhadoras somente quando adentraram o espaço de produção da fábrica.

Já no contexto de um mundo globalizado, surgiram, a partir do final do século XX, demandas por novos modelos para a reestruturação do processo produtivo, como o da especialização flexível, por meio de terceirizações e de contratos temporários e informais (Amaral, 2012). Tal cenário, juntamente com a transformação do perfil da família brasileira e os avanços culturais promovidos pelo movimento feminista, contribuiu para a ampliação da participação feminina no trabalho remunerado a partir dos anos 1970, inserindo, definitivamente, a mulher no mundo do trabalho (Bruschini, 2008).

Conforme a mão de obra feminina se intensificava no meio urbano, sobretudo nas regiões mais desenvolvidas, as mulheres passaram a se deparar com obstáculos para conciliar as obrigações domésticas com os compromissos de trabalho. Segundo Bittencourt (1980), embora as alterações trazidas pelo capitalismo tenham ampliado a participação feminina no mercado de trabalho, tal inserção no meio produtivo não se traduziu na sua libertação do trabalho doméstico, nem representou sua total emancipação, já que continuaram expostas a situações de exploração, que agora não se restringem apenas ao domínio do lar, mas se estendem ao ambiente profissional.

Essa divisão sexual desigual do trabalho, que historicamente responsabilizou as mulheres pela gestão das questões domésticas,

é tensionada pela sua inserção no mundo do trabalho. Mas conforme aponta Girão (2001), o ônus dessa tensão e da reformulação do cotidiano doméstico incide de forma desigual sobre as mulheres. Embora os papéis sociais de gênero estejam sendo contestados, a criação de novas dinâmicas relacionais no espaço doméstico não acompanhou o fluxo da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Segundo Barros e Mourão (2018, p. 9), “as mulheres estão mais atuantes nos ambientes e atividades anteriormente consideradas masculinas, mas os homens não assumiram, na mesma proporção, as responsabilidades domésticas e familiares”.

A esse padrão de distribuição desigual do trabalho doméstico, Hochschild (2003) cunhou o termo “segunda jornada”, referindo-se às horas adicionais de trabalho que as mulheres acumulam no âmbito familiar. Essas horas de trabalho ocorrem após a jornada oficial no emprego, ou antes dela e, às vezes, concomitantemente. Esse termo foi popularizado nos estudos e nas pesquisas sobre o trabalho feminino, focalizando a articulação entre o espaço produtivo e o reprodutivo (família), visto que “para as mulheres, a vivência do trabalho implica sempre a combinação dessas duas esferas, seja pela articulação, seja pela superposição, tanto no meio urbano quanto no rural” (Bruschini, 2008, p. 541).

Bruschini (1994; 2008), pioneira nos estudos sobre gênero e trabalho, pontuou, ao longo de suas obras, que a manutenção do modelo da família patriarcal, que delega à mulher as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, é um dos empecilhos para a ascensão profissional da mulher no mercado de trabalho. A dificuldade em conciliar as demandas familiares com as demandas profissionais tende a colocá-la em desvantagem frente aos homens, resultando, frequentemente, em sua relegação a papéis secundários no ambiente de trabalho.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2022, enquanto as mulheres

gastaram, em média, 21,3 horas semanais em afazeres domésticos e cuidados de pessoas, os homens investiram 11,7 horas nos serviços domésticos e de cuidado. Segundo Boris (2014, p. 107), a despeito dos avanços promovidos pelo feminismo, “as mulheres ainda alocam muito mais horas do que os homens nas atividades de cuidados pessoais e de reprodução social, de modo que, em todas as modalidades de lares heterossexuais, elas trabalham tanto quanto se tivessem um outro emprego, em tempo parcial”.

Já a taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho foi de 53,3%, enquanto a dos homens foi de 73,2%, e a proporção de mulheres em situação de informalidade (39,6%) superava a dos homens (37,3%) (IBGE, 2024). De acordo com Hirata (1998)v, a ampliação da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro ocorreu no contexto de acentuada precarização das condições laborais, decorrente das transformações no mundo do trabalho na era do capitalismo flexível. Parte do avanço das mulheres em termos de inserção na atividade produtiva corresponde a postos de trabalho instáveis, mal remunerados e de baixa qualificação. Para Hirata (2003), um dos fatores que contribuem para esse elevado índice é a atribuição do cuidado com os filhos às mulheres, o que limita sua atuação no mercado de trabalho ou as emprega em trabalhos informais ou parciais, visto que, socialmente, há a exigência de que a mulher tenha “tempo livre” para cuidar da casa e dos filhos.

Entretanto, no contraponto à precarização do trabalho feminino, Bruschini (2007) observou que as mulheres escolarizadas não apenas se mantiveram em espaços tradicionalmente femininos, como a educação e a enfermagem, mas também têm acessado carreiras e profissões de *status*, comumente desempenhadas por homens, como medicina, advocacia, arquitetura e engenharia. Segundo dados do IBGE do ano de 2022, entre as pessoas com 25 anos ou mais com ensino superior completo, 21,3% eram mulheres e 16,8% homens.

Embora sejam mais capacitadas, as oportunidades no mercado de trabalho para as mulheres são desiguais. Somente 39,3% das posições gerenciais no país são preenchidas por mulheres, enquanto 60,7% são ocupadas por homens. Em média, elas têm uma remuneração 21,2% menor do que a dos homens em posições similares. A disparidade mais acentuada é observada entre os profissionais das ciências e intelectuais, onde as mulheres recebem salários 36,7% inferiores aos dos homens. Em relação à presença nas posições de liderança, as mulheres lideram apenas nas gerências e coordenações relacionadas à educação, à saúde humana e aos serviços sociais (IBGE, 2024).

Um dos elementos que explicam a baixa taxa de mulheres em cargos de gerência, embora elas sejam maioria entre as pessoas com diploma, está relacionado ao preconceito do mercado de trabalho em relação às mulheres que têm filhos. Diversos estudos (Bruschini, 1994; 2007; 2008; Cavalcanti; Baía, 2017; Fiorin; Oliveira; Dias, 2014; Hirata, 1998) indicam como o mercado de trabalho é refratário às mães e como a maternidade é frequentemente considerada um alçó para a projeção profissional da mulher. Segundo Bruschini e demais autores (2008), a existência de filhos pequenos é um dos principais obstáculos ao desempenho profissional das mulheres, uma vez que a atenção dedicada a eles representa uma das demandas mais significativas de tempo no trabalho doméstico.

Nesse contexto, as mulheres estão adiando a maternidade para depois dos 40 para não perder postos de trabalho (IBGE, 2024). Dados apurados pelo IBGE mostram uma redução de 13% nos nascimentos no Brasil em 2022, em comparação com 2018. A faixa etária com o maior número de nascimentos situa-se entre 20 e 29 anos, embora essa também esteja em declínio. Contudo, houve um aumento nos nascimentos entre mulheres acima dos 40 anos, com um crescimento de 16,8% nesse segmento.

As alterações dos padrões culturais e sociais relativos ao papel da mulher na sociedade brasileira, juntamente com sua inserção no ensino superior e ascensão econômica, levam as mulheres a ter um número reduzido de filhos, a optar por ter filhos mais tarde ou por não os ter. Nesse contexto, o preconceito em relação às mães no mercado de trabalho e sua ascensão na hierarquia das corporações e empresas constringe-as a adiar a maternidade; algumas empresas, inclusive, têm financiado o congelamento de óvulos de suas colaboradoras (Jardim, 2022).

Em uma pesquisa com estudantes universitárias entre 18 e 28 anos, Rocha-Coutinho (2004, p. 17) observou que, para as entrevistadas, a mulher de hoje deve ser múltipla: “profissional competente, culta, inteligente, boa dona de casa, mãe zelosa, sem deixar de cuidar da aparência e investir na saúde”. Nota-se a coexistência de discursos contraditórios acerca da identidade feminina. Embora o discurso social tenha incorporado o novo papel da mulher como profissional à sua identidade e, até certo ponto, questionado a ideia de maternidade como sua essência, pouco se alterou na definição de mulher, uma vez que a sociedade ainda espera que a mulher assuma a maior parte das responsabilidades domésticas e familiares. Portanto, a identidade feminina não foi substancialmente alterada, mas ampliada para abarcar esse novo papel da mulher como profissional (Rocha-Coutinho, 2004). Nossa pesquisa indica que o campo do amor exige que a mulher cumpra um determinado padrão de *habitus* afetivo e pune com a privação do amor aquelas que não cumprem ao receituário afetivo esperado de uma mulher.

Segundo Belloti (1983), os condicionamentos sociais aos quais as mulheres são submetidas conformam estruturas psicológicas que acarretam sentimento de culpa quando optam por se inserirem no mercado de trabalho, renunciando a uma vida dedicada exclusivamente ao lar. Por outro lado, o sentimento de fracasso as persegue quando optam por se

realizarem como mulher no sentido tradicional, sem participação no mundo do trabalho remunerado. Bueno (1999), ao investigar o sentimento de culpa que emerge na relação entre maternidade e trabalho, identifica que tal sentimento surge na tentativa da mulher de equilibrar as responsabilidades domésticas e a criação dos filhos com as exigências do trabalho. As mulheres se sentem culpadas pelo abandono do papel de mãe e educadora. No entanto, apesar dos desafios associados à maternidade, as mulheres estudadas por Bueno (1999) não abririam mão desse papel, considerando-o uma via para realização feminina plena. Paralelamente, elas também não abdicam do trabalho remunerado, visto como um meio de emancipação do domínio masculino e uma fonte de autoestima que o trabalho doméstico não é capaz de oferecer.

Segundo Vasques (2020), em seu estudo sobre executivas e empresárias, as mulheres casadas e com filhos, ao mesmo tempo que desejavam ascender na hierarquia da empresa, demonstravam sentimento de medo e culpa por acabar perdendo etapas importantes da vida dos filhos, como a infância, devido à excelência que um cargo de gerência exige. Assim, constata-se uma contradição na realidade das mulheres: elas se veem em um impasse entre antigos e novos valores. Enquanto são encorajadas a seguir carreiras profissionais, ainda recai sobre elas a expectativa de assumirem a maior parte do cuidado com os filhos (França; Schimanski, 2009).

Nesse conflito entre demandas profissionais e trabalho doméstico, ou trabalho não pago, as mulheres se encontram em uma situação de adoecimento mental. Além da já conhecida culpa que as aflige, elas são acometidas por estresse emocional, irritação, sobrecarga física e psíquica, e sentimentos de incompetência, esgotamento e desgaste (Costa, 2018). Com isso, de acordo com Rocha-Coutinho (2004), podemos concluir que a mulher moderna multiplicou suas funções sem, contudo, conseguir distribuir igualmente as responsabilidades. A

sociedade exige, assim como as próprias mulheres exigem de si mesmas, que sejam múltiplas. “Assim, a Cinderela, que povoou a imaginação de tantas mulheres de gerações anteriores, acabou por se transformar na Mulher Maravilha, que a geração atual aprendeu a admirar e cultivar na infância” (Rocha-Coutinho, 2004, p. 17).

A revisão bibliográfica apresentada por nós destacou as tensões enfrentadas pelas mulheres na gestão da relação entre trabalho, casa e filhos no mercado de trabalho. Nosso artigo pretende contribuir para essa discussão ao abordar um tema ainda não explorado: a dificuldade que mulheres líderes em suas áreas de atuação encontram para conciliar a vida profissional com a vida afetiva. Essa dificuldade gera a privação do amor e, conseqüentemente, diversas formas de sofrimento, como a culpa, a raiva, a frustração, a ansiedade, a insônia e a depressão.

APRESENTANDO O ESPAÇO EMPÍRICO

O espaço empírico deste artigo é um curso *on-line* disponível no mercado, intitulado “Meditação Para o Amor”.² O curso foi adquirido e realizado pela primeira autora deste texto em 2020, no início da pandemia, o qual foi adquirido por 1.500 reais, que podia ser parcelado no cartão de crédito em até cinco vezes. Na ocasião, foi adquirido por mais de mil pessoas.

Era composto por 12 aulas gravadas de 50 minutos cada que abrangiam os seguintes temas: Introdução (Módulo 1); Auto perdão, diálogo consigo (Módulo 2); Perdão ao feminino (Módulo 3); Perdão ao masculino (Módulo 4); Perdão à criança interna (Módulo 5); Perdão ao amor (Módulo 6); Perdão à ancestralidade e aos descendentes (Módulo 7); Perdão aos fi-

lhos (Módulo 8); Perdão ao corpo e às doenças (Módulo 9); Perdão ao trabalho (Módulo 10); Perdão ao sexo (Módulo 11); Perdão ao planeta (Módulo 12); Perdão à espiritualidade (Módulo 13) e Bônus.

Na introdução do curso, a terapeuta ofereceu uma explicação geral sobre as crenças limitantes que impedem o sucesso nos relacionamentos e afirmou que “as aulas e meditações iriam purificar os relacionamentos, por isso era importante realizar não só as aulas, mas também as meditações temáticas por 28 dias”. Acrescentou, ainda, que “era importante compartilhar a experiência no grupo, pois a experiência de um poderia ajudar na caminhada do outro”.

O curso teve uma duração total de um ano, com cada módulo sendo liberado mensalmente, exceto a Introdução e do Módulo 1, que foram disponibilizados juntos. A cada módulo liberado, os participantes dispunham de um mês para assistir à aula, fazer as meditações do mês durante 28 dias e compartilhar suas impressões no grupo criado pela professora no aplicativo WhatsApp.

Todo último final de semana do mês, especificamente aos domingos, ocorria um *webinar* via Google Meet com a terapeuta, com duração de até três horas. Durante esses encontros, os participantes tinham a possibilidade de ter suas histórias selecionadas para ser discutida no seminário *on-line*. Para isso, o participante deveria escrever uma carta à terapeuta, narrando o problema que o incomodava. Ter sua história como tema de uma aula era desejado por quase todos os participantes, pois isso poderia agilizar o processo terapêutico. Após cada evento, os *webinars* eram disponibilizados na plataforma do curso, na seção denominada Bônus, para ser revisto ou visto por aqueles que não conseguiram participar do evento ao vivo. No momento da redação deste artigo, nossa estratégia metodológica consistiu em revisar o curso, com especial atenção às aulas selecionadas para o artigo. Além desse evento mensal, os participantes tinham aces-

² A profissional se define como escritora e terapeuta com experiência há mais de 30 anos no mercado, com interesse pelos estudos de carma espiritual. Tem sede terapêutica em São Paulo, mas durante a pandemia passou a oferecer cursos *on-line*. Sua equipe é formada pelo marido e mais três funcionários. Seu canal no Youtube possui 340 mil inscritos.

so a um grupo no aplicativo WhatsApp, o qual possibilitava aprofundar questões, tirar dúvidas ou simplesmente desabafar. Além do grupo do WhatsApp, a plataforma do curso dispunha de um espaço destinado à interação com a terapeuta, onde era possível ver as questões e comentários dos demais participantes. Todo o material de pesquisa aqui exposto é oriundo do grupo de WhatsApp, das histórias analisadas nos *webinars* e da interação na plataforma do curso. Todos os nomes citados são fictícios, para não expor indivíduos.

O perfil dos participantes era diverso, com destaque para várias idades e sexualidades. A predominância, contudo, era de mulheres heterossexuais, com diploma superior, solteiras, com mais de 40 anos e de cor branca. Devido a uma grande porcentagem de mulheres, que correspondia aproximadamente 95%, a partir de agora, iremos nos referir aos participantes no feminino.

Para este artigo, selecionamos os *webinars* relacionados aos módulos sobre amor e trabalho, assim como as reações das participantes. Os depoimentos selecionados e discutidos pela terapeuta nos módulos amor e trabalho estão expostos a seguir.

Depoimento selecionado pela terapeuta no módulo amor

“Eu faço terapia holística desde 2014, iniciei para entender por que não tenho sucesso afetivo. Sou uma pessoa casada com a solidão, mas estou em processo de divórcio total, com esse curso.

Apesar de minhas origens simples, eu me tornei uma das maiores referências na área que trabalho no Brasil. Sempre fui workaholic e sempre amei meu trabalho. Tenho sucesso, dinheiro e viajei o mundo todo, trabalhando ou me divertindo; sou fluente em várias línguas. Mas depois dos trinta passei a observar que essa abundância não chegava nos afetos. Fui procurar ajuda. Fiz todos os cursos e sessões de terapia holística que existem no mercado e cheguei à conclusão de que preciso ter vida pessoal, preciso ter tempo para mim. Eu me tornei importante no meu trabalho e isso tem um preço. Eu parei de me sentir orgulhosa pelas minhas conquistas e passei a ficar irritada com meu trabalho, pois passei

a culpá-lo pela falta de amor. Resumindo, preciso de ajuda, pois hoje eu não tenho um amor e o pior, estou insatisfeita com aquilo que sempre foi minha base, meu trabalho.

Tenho 44 anos e sempre fui namoradeira, mas depois dos 35 anos, parece que me tornei invisível para os homens. Essa situação me deixa com saudade do passado, quando tinha companhia afetiva e com raiva do presente. Eu moro só, com meus gatos e tenho muita insônia e solidão. Eu choro muito e as vezes me arrependo de minhas escolhas, pois elas me afastaram de um amor. Mais ganho visibilidade no trabalho, mais ganho invisibilidade nos afetos. (...)” (Clara, mulher heterossexual, solteira, branca, engenheira de produção, 44 anos).

Fonte: Dados da pesquisa.

O depoimento recebeu muitos comentários das participantes, tanto no *chat* do Google Meet quanto no grupo do aplicativo WhatsApp e na plataforma do grupo. Dividimos em dois grupos os comentários selecionados por nós, os quais reforçam o depoimento tratado no *webinar*.

Tensão entre amor e trabalho

“Eu também as vezes culpo o trabalho por minha solidão”.

“Eu sei, é difícil conciliar. Eu também trabalho tanto que não tenho tempo para conhecer pessoas para além dos aplicativos”.

“São tantas as demandas que não tenho tempo para cuidar de mim, muito menos tempo para arrumar um amor, sou como você”.

“Durante a semana trabalho dia e noite para dar conta. Aos finais de semana, fico cansada, desanimada, prefiro ficar só para me recompor”.

“Além do cansaço do trabalho, não tenho amigos para sair na minha cidade, como vou conhecer pessoas?”.

“Minha psicóloga falou que eu também estou casada com o trabalho”. “Não existe espaço para um homem no momento, o trabalho toma todo meu tempo”.

“Eu não sei como me tornei solidária. Fui me envolvendo com o trabalho e sendo feliz nisso, quando dei por mim, estava com 40 anos”.

“Estou no mesmo barco, eu estou fazendo esse curso para equilibrar a minha vida profissional e afetiva, tem muita distância entre as duas. Eu não sei conciliar as duas coisas”

“Igual comigo: Eu amo meu trabalho e por isso ele sempre me preencheu. Mas nos últimos anos, per-

cebi um vazio, passei a me cobrar e cobrar meu trabalho pelas minhas carências”.

“Eu sou muito cobrada em meu trabalho, acabei esquecendo de cuidar de mim”.

Fonte: dados da pesquisa.

Visibilidade profissional versus invisibilidade afetiva

“Desde os 35 anos mais ou menos, que pareço invisível, que os homens não me veem”.

“Mesma coisa: Mais me tornei visível profissionalmente, mais me tornei invisível como mulher. Nem na minha empresa, nem no dia a dia os homens me veem, me paqueram, jogam charme”.

“Se eu me interesse por um homem em um aplicativo, convido para sair, mas depois ele desaparece. Não me sinto vista emocionalmente”.

“Depois que assumi posição de líder, passei a ser tratada como homem na empresa; nunca senti olhares, segunda intenções; me sinto invisível aos olhos dos homens..., mas quando saio é a mesma coisa, indiferença”.

“Na casa dos 20 e 30 fui muito namorada. Mas depois dos 30 os homens sumiram. Parece que deixei de ser interessante para os homens”.

“Eu sou uma das melhores profissionais da minha área e tenho muito orgulho disso. Mas as vezes preferia apenas ser uma mulher comum, com filhos e marido e sem muitas expectativas profissionais”.

“Eu amo meu trabalho e por isso ele sempre me preencheu. Mas nos últimos anos, percebi um vazio, passei a me cobrar e cobrar meu trabalho pelas minhas carências”

Fonte: dados da pesquisa.

Depoimento selecionado pela terapeuta no módulo trabalho

“Eu tenho 42 anos e uma carreira consolidada. Eu deveria honrar meu trabalho, como aprendi no curso, pois ele me trouxe status, paga minhas contas, paga esse curso aqui, pagou meu apartamento, minhas viagens de férias. Mas ele me trouxe muita solidão também, por isso eu não consigo honrar meu trabalho. Me sinto revoltada diante dele e sei que tenho que mudar essa energia. Muitos gostariam de estar em meu lugar, mas eu não. Me sinto desanimada porque meu trabalho me tira toda a cor da vida, toda a poesia, toda magia. Não tenho tempo para conhecer pessoas, namorar, construir uma família. E também me sinto explorada pelos meus colegas de trabalho, porque sempre digo sim. Mas isso me traz cansaço, solidão”.

Estou nessa empresa há 20 anos, cresci lá, fiz uma carreira. Mas a que preço? Não tenho amigos, não tenho tempo para estar com minha família, não tenho um namorado, filhos, penso que não terei, pois já tenho 42 anos.

Quando dei por mim, o tempo tinha passado e eu não fiz nada por mim, apenas para a empresa. Quero aprender a me aceitar e a me amar, e aceitar e amar meu trabalho faz parte disso. Quero sentir gratidão pelo trabalho. Estou fazendo esse curso, porque quero abrir espaço para receber um amor e reconheço que o trabalho tem sido meu algoz, tem tomado todo espaço na minha vida” (Fernanda, mulher heterossexual, solteira, branca, farmacêutica, 42 anos).

Fonte: dados da pesquisa.

Sucesso profissional versus fracasso afetivo

“Eu não tenho problema de dinheiro. Posso viajar para o exterior duas vezes por ano. Posso comer no restaurante que eu quiser. Mas deixo de fazer isso porque me falta companhia”.

“Já peguei várias vezes o avião para viajar para férias, chorando. Porque não havia ninguém me esperando do outro lado”.

“Quando viajo e isso acontece sempre por causa de meu trabalho, não preciso ligar para ninguém avisando que cheguei; esse é o lado bom, a liberdade. Mas a liberdade tem um lado sombrio, a solidão”.

“Se lá no início alguém tivesse me avisado que o caminho do sucesso é tão solitário, eu teria pensado duas vezes”.

“Recebo muitos elogios no trabalho, sou competente e por isso é muito difícil conciliar esses dois mundos, de um lado, palmas, elogios de outro, silêncio. Já me peguei chorando ao entrar em casa, após um dia especialmente de sucesso”.

“Vejo amigas reclamando de maridos e filhos e que gostaria de estar no meu lugar. Eu me calo, pois minha posição também não é fácil: tenho um lugar de liderança na empresa, ganho bem, sou ouvida, respeitada, mas sinto muita falta de ter um relacionamento”.

“As pessoas falam, o mais difícil você conseguiu, a carreira, o amor é fácil. Mas elas não sabem nada sobre minha solidão”.

Fonte: dados da pesquisa.

GATILHO: adoecimento mental atribuído à falta de afeto

O conteúdo dessa aula *on-line* gerou diversos assuntos e trouxe o que as participantes chamam de “gatilhos” sobre o adoecimento mental, que é atribuído à falta de afeto. Seleccionamos algumas falas que reforçam essa ideia:

Prejuízos emocionais atribuído à falta de afeto

“Me sinto envergonhada por não ter uma companhia para apresentar nas festas da empresa”.

“Sinto vergonha em dizer que estou solteira e faz muitos anos. Me sinto culpada”.

“Mesmo na minha idade não é fácil as festas da família, Sempre perguntam sobre relacionamento, o que me envergonha. As vezes deixo de ir para não ser cobrada”.

“Final de ano é sempre o momento mais difícil, porque é um clima que nos leva a pensar na família, mas já passei muito natal e ano novo só, **não por opção, mas por falta de opção**”.

“Tenho muita insônia e as vezes choro de madrugada”.

“No momento de extrema tristeza, desejo trocar minha carreira por um amor”.

“Eu passo da euforia ao tédio todo os dias: euforia nas minhas conquistas profissionais e materiais e tédio na minha solidão”.

“Me sinto muito cansada, sem energia para procurar um amor”.

Fonte: dados da pesquisa.

CARREIRA PROFISSIONAL E AMOR: excesso de trabalho e ruptura de trajetória afetiva ou a não realização do *habitus*

É consenso entre as participantes do curso que o trabalho é considerado o algoz de suas vidas afetivas, sendo frequentemente responsabilizado pela privação do amor. O sentimento de culpa pelas escolhas feitas na carreira, em detrimento da vida pessoal, fica evidente tanto nos exemplos trabalhados pela terapeuta, quanto nos comentários das participantes que, além da culpa, sinalizam a frus-

tração, a tristeza e a falta de perspectiva para a realização afetiva.

Não negamos a importância da variável trabalho na explicação para a privação do amor dessas mulheres, contudo, acreditamos que o trabalho não explica isoladamente o problema e precisa ser visto em diálogo com outra variável: a ruptura da trajetória afetiva dessas mulheres ou a não realização do *habitus* afetivo. Devolveremos esses dois argumentos neste item.

RACIONALIDADE NEOLIBERAL: a privação do amor e o adoecimento mental

Segundo Dardot e Laval (2016), o capitalismo contemporâneo possui uma racionalidade que atua não apenas nas instituições do capitalismo, mas ainda, e sobretudo, nas mentes dos próprios engajados no capitalismo. No campo político, promove uma corrosão das instituições, avivando as aspirações antidemocráticas. No campo econômico, existe a primazia do mercado autorregulado e a desestruturação do Estado de bem-estar social.

Para os autores, o neoliberalismo não apenas corrói instituições, regulamentações e direitos, mas também *produz* uma subjetividade empresarial. Essa nova subjetividade influencia estilos de vida e relações sociais, uma vez que o indivíduo passa a gerir a si mesmo como uma empresa e buscar a todo custo a felicidade. Segundo os autores, uma consequência fundamental da formação de “neossujeitos”, é a destruição de laços pessoais, o que acarreta uma série de efeitos patológicos, como a corrosão da personalidade, a depressão generalizada e as várias formas de sofrimento no trabalho.

É nesse sentido que propomos pensar a influência do trabalho na privação afetiva dessas mulheres, que teriam incorporado a racionalidade que pressupõe a iniciativa, o empreendedorismo, a eficiência, a alta adap-

tabilidade, a concorrência e a autorrealização profissional, e teriam colocado todas as suas atenções no trabalho e na carreira, gerando a privação do amor e diversos sentimentos contraditórios, tais como arrependimento, culpa e ansiedade.

Nesse contexto, não teriam igualmente investido na formação de laços na vida afetiva, o que seria considerado um grande erro, já que a racionalidade neoliberal prega a autorrealização em todas as áreas da vida: no trabalho, na intimidade, no cuidado com o corpo e nas relações afetivas e sexuais. Isso geraria a culpa e o discurso de que o sucesso no trabalho seria o preço a ser pago pela privação no amor: “Desde os 35 anos mais ou menos, que pareço invisível, que os homens não me veem”; “Mais me tornei visível profissionalmente, mais me tornei invisível como mulher. Nem na minha empresa, nem no dia a dia os homens me veem, me paqueram, jogam charme.”

Para Illouz e Cabanas (2019), o capitalismo neoliberal comercializa a ideia de felicidade e emoções positivas, ou ainda, a obrigatoriedade em ser bem-sucedido, autorrealizado e feliz (Han, 2017). Para Dardot e Laval (2019), quando bem realizada, a gestão da alma permite um desempenho ótimo que resulta em um gozo repleto de implicações para a formação subjetiva.

Na contramão da gestão empresarial de si (Dardot, Laval, 2016; Peters, 2021) e da ditadura da felicidade (Cabanas; Illouz, 2020), as mulheres estudadas se sentem fracassadas e desiludidas afetivamente, apesar do claro sucesso nas carreiras. Isso fica evidente quando frisam a invisibilidade afetiva e o desejo de substituir o sucesso profissional pelo amoroso: “No momento de extrema tristeza, desejo trocar minha carreira por um amor”; “Eu sou uma das melhores profissionais da minha área e tenho muito orgulho disso. Mas as vezes preferia apenas ser uma mulher comum, com filhos e marido e sem muitas expectativas profissionais”.

Uma outra questão que podemos ver a partir da teoria da racionalidade neoliberal de

Dardot e Laval (2016) é sobre a individualização dos fracassos e sucessos. Para os autores, o neoliberalismo retira toda áurea social da vida coletiva, do trabalho e dos afetos e tudo se passa como se fosse responsabilidade restrita dos indivíduos. No plano dos afetos, essa racionalidade explica os fracassos amorosos pela psique humana, ou seja, de forma individual, não por fatores socioculturais, o que gera mais sofrimento nessas mulheres, que além de sofrerem pela privação do amor, sofrem, ainda, por entenderem esse fracasso como individual, quando veem no trabalho seu algoz, desqualificando todas as suas conquistas resultantes do trabalho e se autodepreciando por não se sentirem merecedoras de um amor. Algumas até mencionam o fato de se sentirem envergonhadas diante da ausência de um amor: “Me sinto envergonhada por não ter uma companhia para apresentar nas festas da empresa”; “Sinto vergonha em dizer que estou solteira e faz muitos anos. Me sinto culpada”; “Mesmo na minha idade não é fácil as festas da família, Sempre perguntam sobre relacionamento, o que me envergonha. As vezes deixo de ir para não ser cobrada”.

RUPTURA DE TRAJETÓRIA AFETIVA OU A NÃO REALIZAÇÃO DO HABITUS AFETIVO

Apesar das mulheres culpabilizarem o trabalho pela privação afetiva, em nossa perspectiva, não é o trabalho, isoladamente, que explica a inércia afetiva dessas mulheres, mas também a transgressão de uma regra central no campo do amor: o casamento. Entendemos que essa transgressão levaria, a longo e médio prazo, à exclusão dessas mulheres do mercado do afeto e, como consequência, prejuízos emocionais causados pela privação do amor. Vejamos as trajetórias das duas mulheres que tiveram suas histórias contadas no curso.

Clara e Fernanda: duas trajetórias afetivas rompidas

Tomemos inicialmente o caso de Clara, que tem 44 anos e mora sozinha em um apartamento na capital paulista. Possui dois gatos e é formada em engenharia de produção por uma faculdade particular e fez carreira em uma empresa multinacional na área de geladeiras. Tem origens sociais modestas e faz parte da primeira geração da sua família a ter estudo superior. Contou que seu pai é aposentado como operário no ABC paulista e sua mãe é dona de casa.

Clara tem pele branca, cabelos lisos e é magra. Informou que frequenta a musculação três vezes por semana com um *personal trainer*, que faz caminhada e se alimenta de forma saudável. A academia que frequenta é ao lado do trabalho, o que facilita manter a rotina com os exercícios físicos. Além de cuidar do corpo, nos contou que, desde 2014, iniciou um processo de autoconhecimento, quando já teve contato com psicanalista, terapeutas, *coaching*, religião e praticantes de ioga. Além disso, consome diversos produtos do mercado que prometem autoconhecimento, como cursos, viagens de meditação, jogo de tarot etc. Apesar de todo o cuidado de si, revelou que toma medicamentos contra a insônia e a depressão.

No que se refere à vida afetiva, Clara nos contou que nunca teve problemas para se relacionar com homens, que sempre se achou bonita e também namorou os homens que quis. Iniciou sua vida sexual com um “namorado” aos 17 anos e considera que teve poucos relacionamentos sérios, um total de quatro, todos longos. Entre o fim de um relacionamento e início de outro, sempre “ficou com homens, sem compromisso”. Ou seja, mesmo nos momentos em que não estava namorando, nunca ficou sozinha. Acrescenta que não teve problema para ser vista pelos homens até por volta dos 35 anos, quando notou que não era mais paquerada e que, mesmo quando paquerava, não recebia retorno. Após os 35 anos, não teve

mais relacionamento sério e nesse período já ficou mais de três anos sem fazer sexo. Disse que tem sido um período difícil e que sente saudades do passado, “quando a vida afetiva fluía sem esforços. Era tudo natural e espontâneo”.

Sobre sua rotina de trabalho, afirmou que possui muitas responsabilidades, pois tem cargo de liderança. Nesse sentido, passa até 12 horas diárias na empresa e quando sai do trabalho, não tem energia para a vida social. Não revelou a sua faixa salarial, mas disse que ganha o suficiente para viver bem em uma cidade cara como São Paulo. Também nos contou que já morou na Alemanha por conta do trabalho. Clara nos contou que chora nas noites de insônia, pois não imaginava uma vida tão solitária para si. Reforça que o casamento nunca foi a sua grande prioridade, mas que, ao mesmo tempo, o casamento sempre esteve no seu horizonte. Clara nunca havia pensado que poderia ter dificuldade em conseguir uma companhia, pois, no passado, sempre esteve acompanhada de homens interessantes. Ficou surpresa quando passou a sentir um vazio de companhia e informa que demorou a notar que estava só, pois estava bastante distraída com o trabalho.

Antes de partirmos para as análises, vejamos a trajetória de Fernanda, que é farmacêutica, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, em uma empresa multinacional do setor farmacêutico e mora sozinha na cidade de Joinville. Fernanda tem cabelos lisos e castanhos médios, alta, magra e olhos claros, incorporando o capital estético valorizado no campo do afeto (Jardim, Paoliello, 2022)

Nos contou por entrevista por videochamada que está na mesma empresa desde os 22 anos de idade, quando iniciou no cargo de ajudante de produção. Seu salário bruto é por volta de 25 mil reais e trabalha por volta de 12 horas diários e ainda leva trabalho para casa. Seu pai não é farmacêutico, mas é microempresário no ramo da farmácia, junto com sua mãe que o auxilia.

Além do trabalho, Fernanda investe o tempo que resta em cursos de autoconhecimento, como este analisado no artigo. Fernanda nos informou que tem adquirido produtos de autoconhecimento existentes no mercado, a partir dos quais está estudando para compreender sua solidão e abstinência afetiva e sexual, não por opção, mas por falta de opção.

Fernanda iniciou sua vida sexual por volta dos 18 anos, com seu primeiro namorado da faculdade. Sempre se sentiu dona da sua vida afetiva e inclusive terminou um relacionamento no qual era noiva para fazer um intercâmbio no exterior. Fernanda afirma que sempre foi segura e firme nas suas decisões e nunca ficou com alguém apenas por carência. Contudo, Fernanda vê sua vida afetiva se transformar após os 33 anos de idade. Ela se recorda que depois dessa fase, ela passou a ter menos amigos, a sair menos de casa por conta do trabalho e, portanto, a ter menos contato com o mundo masculino. Com a chegada dos aplicativos para relacionamento, passou a paquerar pelo aplicativo, mas não teve sorte em nenhum dos encontros: toda vez que ela se interessa por um homem, ele some. Ela se sente invisível afetivamente e não tem expectativas de se casar e ter filhos. Relatou sobre a revolta que sente por estar sem perspectivas amorosas, mas que não desistiu. Espera encontrar alguém para compartilhar a vida a dois. Sobre seu estilo de vida, Fernanda não consegue tempo para atividade física, mas tem uma alimentação saudável. Assim como Clara, toma medicamento controlado para a ansiedade e depressão.

ANÁLISES

O que nos chama atenção nessas trajetórias é que as duas mulheres possuem o capital estético valorizado no campo do afeto – são brancas, magras e têm cabelos lisos – (Jardim, Moura, 2017; Jardim, 2019; Jardim, Paoliello, 2022), que ambas tiveram uma vida afetiva

abundante até a casa dos 30 anos e que a solidão aos 40 anos parece surpreendê-las, já que sempre tiveram sucesso afetivo. Da mesma forma, essas trajetórias representam, em alguma medida, a das outras mulheres que realizaram o curso. Como pudemos ver a partir dos comentários durante os eventos *on-line*, assim como na plataforma do curso, as participantes se sentem representadas nas duas histórias discutidas pela terapeuta.

Buscamos entender as rupturas afetivas de Clara e Fernanda a partir de Pierre Bourdieu, autor que mostra que todo campo ou espaço social possui regras visíveis e invisíveis, assim como possui um senso comum, ou seja, crenças compartilhadas e incorporadas no corpo e na mente dos agentes que fazem parte desse campo, como algo “natural”, como um consenso ou uma verdade. Em Bourdieu (1996), o senso comum é a *doxa* dominante, sendo a *doxa* uma verdade imposta, que de tão natural não se nota sua arbitrariedade. Todas as lutas e disputas sociais, afirma Bourdieu, são para a imposição da *doxa* ou do senso comum em um determinado campo (Bourdieu, 1996).

Nossas pesquisas anteriores (Jardim, 2019; Jardim; Moura, 2017; Jardim; Paoliello, 2022) têm nos permitido falar, mesmo que provisoriamente, na existência de um campo do amor, espaço social no qual agentes sociais lutam para serem vistos e para conquistarem um amor. Além disso, consideramos que, no campo do amor, a regra fundante é o amor romântico, que pressupõe casamento e filhos (Jardim, 2019; Jardim; Paoliello, 2022; Souza, 2022). Como parte das regras invisíveis, as mulheres devem ser submissas aos homens, assim como devem se autorresponsabilizarem pelo sucesso do relacionamento e colocarem o relacionamento como prioridade (Jardim, 2019; Souza, 2022). Por fim, o senso comum do campo do amor vê com bons olhos que os amantes não protelem o casamento, especialmente as mulheres, o qual deve acontecer no máximo na casa dos 30 anos, para que o casal possa construir tranquilamente sua família (Jardim, 2019).

Por essa perspectiva, o casamento faria parte do *habitus* afetivo dos amantes e a sua não realização seria resultado de uma ruptura de *habitus*. Pierre Bourdieu entende *habitus* como pré-disposições construídas ao longo do processo de socialização, de uma trajetória. São aquelas características que o agente carrega, herdadas de sua origem social e atualizadas a todo momento, mas que não são determinantes. Bourdieu acrescenta ainda, que para objetivar o *habitus* de um agente, é preciso localizá-lo em uma trajetória social, afinal, o *habitus* não existe nele mesmo; é fabricado durante uma trajetória determinada.

Nesse sentido, as mulheres estudadas neste artigo teriam transgredido as principais regras do campo do amor, uma vez que não teriam se casado na idade exigida por ele, assim como não teriam colocado o relacionamento como prioridade e muito menos teriam se comportado de forma submissa junto aos homens. Trata-se de uma geração de mulheres que não investiu, como exige o campo do amor, prioritariamente nos afetos (Jardim, 2019). Argumentamos que essa transgressão provoca, a longo prazo, especialmente após os 40 anos, a exclusão dessas mulheres do mercado do casamento e, como consequência, a inércia afetiva sublinhada por elas, assim como diversos desconfortos emocionais, como a ansiedade, a culpa, o arrependimento e a depressão.

A tese da ruptura de trajetória ou *habitus* fica evidente quando notamos que o campo do amor só passa a excluir essas mulheres quando estas se aproximam dos 40 anos; até essa idade, todas informam lidar bem com a vida afetiva. Nesse sentido, não acreditamos que o excesso de trabalho seja o algoz dessas mulheres, mas sim a transgressão de uma importante regra do campo do amor, qual seja, a da realização do *habitus* afetivo a partir do casamento.

Também não podemos afirmar que essas mulheres escolheram conscientemente a profissão em detrimento do afeto; elas teriam apenas adiado a realização afetiva, já que elas

acreditavam que poderiam voltar ao mercado do afeto e se casarem, quando assim desejassem. As mulheres entendiam como natural o retorno ao mercado do afeto, causando surpresa a inércia e exclusão recebida.

CONCLUSÃO

As teorias sobre o amor têm mostrado que o amor cria vínculos sociais e que é desejado como receituário da felicidade. Contudo, este artigo focou no sofrimento trazido pela ausência ou privação do amor. Vimos, a partir dos dados apresentados, que as mulheres estudadas creditam o seu fracasso afetivo ao excesso de trabalho, que passa a ser considerado o grande algoz na vida dessas mulheres, gerando raiva e arrependimento pelo investimento na carreira ao longo da vida.

Com base nos dados apresentados e analisados, defendemos que certamente o trabalho ajuda a isolar essas mulheres afetivamente, contudo, o mesmo não pode ser visto como variável central e isolado para explicar o problema. É preciso considerar que essas mulheres transgrediram algumas regras do campo do amor, especialmente a regra que impõe o casamento em idade determinada. Isso feito, levou a ruptura de suas trajetórias afetivas ou do *habitus* afetivo esperado, gerando a exclusão dessas mulheres do campo do amor e a inércia e o sofrimento, no momento em que desejaram voltar a concorrer por um afeto.

Recebido para publicação em 22 de maio de 2024
Aceito para publicação 15 de outubro de 2024

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. *Itinerarius Reflectionis*, Jataí, v. 8, n. 2, 2012.
- BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 30, p. e174090, 8 out. 2018.
- BELLOTTI, Elena Gianni. *Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BITTENCOURT, Sonia Regina Vasconcellos. *A participação da mulher no mercado de trabalho e o cuidado dispensado aos filhos menores de sete anos, durante a ausência materna*. 1980. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1980.
- BORIS, Eileen. Produção e reprodução, casa e trabalho. *Tempo Social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 101-121, jun. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- BUENO, Cléria Maria Lobo Bittar. A mulher e a culpa: relações entre o trabalho e a maternidade (um estudo realizado com as trabalhadoras das indústrias do setor coureiro-calçadista e similares da cidade de Franca). In: II INTERNATIONAL CONGRESS WOMEN, WORK, HEALTH, 2., 1999, Rio de Janeiro. *Livro de resumos [...]*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1999. p. 287-288.
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 17-32, 1994.
- BRUSCHINI, Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez; MERCADO, Cristiano Miglioranza. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: COSTA, Albertina de Oliveira et al. (org.). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 15-34.
- CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. Traduzido por Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2022.
- CAVALCANTI, Natália. C. Silva. Barros; BAÍA, Deylane Côrrea Pantoja. Ser mãe no mundo do trabalho: notas sobre os desafios da reinserção de mulheres no mercado de trabalho após a experiência de maternidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. *Anais Eletrônicos [...]*. Florianópolis: [s. n.], 2017.
- COSTA, Fabiana Alves da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. *Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Belo Horizonte*, v. 3, n. 6, p. 434-452, 12 set. 2018.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014.
- FRANÇA, Ana Letícia de; SCHIMANSKI, Édina. Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 65-78, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GIRÃO, Isabel Cristina Carpi. *Representações sociais de gênero: suporte para as novas formas de organização do trabalho*. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. 128.
- HIRATA, Helena. Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma perspectiva Norte/Sul. In: CARVALHO NETO, Antônio Moreira; CARVALHO, Ricardo (Orgs). *Sindicalismo e negociação coletiva nos anos 90*. Trad. Ivan Cupertino Dutra. Belo Horizonte: IRT/PUC Minas, 1998.
- HIRATA, Helena. Apresentação à edição brasileira. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (org.). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Ed. SENAC, 2003.
- HOCHSCHILD, Arlie; MACHUNG, Anne. *The second shift*. New York: Penguin, 2003.
- IBGE. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38. ISBN 978-85-240-4605-6, 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf. Acesso em: 30 set. 2024.
- ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MARTUCCELLI, Danilo. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 147-165, 2016.
- JARDIM, Maria Chaves; MOURA, Paulo José Carvalho. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. *Revista TOMO*, São Cristóvão, n. 30, p. 151-196, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/6712>. Acesso em: 30 set. 2024.
- JARDIM, Maria Chaves. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. *Revista Política e Sociedade*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 43-76, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2019v18n43p46>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- JARDIM, Maria Chaves. O mercado de fertilização in vitro no Brasil: elementos socioculturais e emocionais presentes na doação e na recepção de óvulos. *Revista Política e Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 51, p. 15-46, maio/ago. 2022.
- JARDIM, Maria Chaves; PAOLIELLO, Renata Medeiros. Abandonar, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto. *Revista TOMO*, São Cristóvão, n. 41, p. 87-126, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17483>. Acesso em: 3 out. 2024.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 2-17, jun. 2004.
- RÜDIGER, Francisco. Amor no século XX: Romantismo democrático versus intimismo terapêutico. *Tempo Social*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 149-168, 2012.
- SOUZA, Thais Cristina Caetano de. *Alma gêmea, sofrimento e redenção: componentes do amor romântico na telenovela Espelho da Vida*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.
- VASQUES, Lucas Flôres. As emoções e sua inserção no espaço empresarial brasileiro através da revista Exame: uma análise em sociologia econômica dos mercados. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Maria Chaves Jardim – Conceitualização. Curadoria de dados. Aquisição de financiamento. Análise formal. Supervisão. Investigação. Metodologia, Escrita – esboço inicial, revisão e edição.

Thaís Caetano de Souza – Visualização. Escrita – revisão e edição

Maria Chaves Jardim – Professora Livre Docente em Sociologia Econômica do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/Unesp). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 1D. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado (Nespom). Tem experiência em pesquisa na área de sociologia do trabalho, sociologia política, sociologia da cultura, sociologia das emoções e sociologia econômica. Suas mais recentes publicações são: *Sociologia do Amor: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências Sociais*, pela Revista Brasileira de Sociologia, em 2024; *Intimidade e mercado no Instagram: trabalho relacional como estratégia de denegação do econômico*, pela revista *Sociologia e Antropologia*, em 2024; *O Estado e a produção de convenções sociais acerca do mercado de armas de fogo no Brasil*, pela revista *Tempo Social*, em 2024. O projeto de capitalização da Previdência Social no governo Bolsonaro: o mercado como estratégia de aposentadoria, pela revista *Sociedade e Estado*, em 2023.

Thaís Caetano de Souza – Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Integra o Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado (Nespom). Trabalha com temas relacionados à intimidade, construção social dos mercados e neopentecostalismo. Sua mais recente publicação é: *Sociologia do Amor: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências Sociais*, pela Revista Brasileira de Sociologia, em 2024.

**THE AFFECTIVE INERTIA OF WOMEN WITH
HIGHER EDUCATION: overwork, unfulfilled
affective trajectories and emotional harm**

*Maria Chaves Jardim
Thaís Caetano de Souza*

Studies on love have grown over the years, highlighting the centrality that the topic has gained in contemporary society. In this study agenda, a topic that has been little studied is the absence or deprivation of love. In this article, we seek to objectify the deprivation of love from a group of single heterosexual women aged 40 and with a higher education degree. Our methodological strategy was virtual immersion based on a course on relationships and the reconstruction of the emotional trajectory of two women. The data indicate that these women are part of a generation that invested in their careers and, therefore, had a rupture in their emotional trajectory when they transgressed one of the main rules in the field of love: marriage. Furthermore, excessive work would help to emotionally isolate these women, who begin to suffer emotional losses as a result of emotional deprivation.

KEYWORDS: Love. Work. Career. Trajectory not completed. Emotional harm.

**L'INERTIE AFFECTIVE DES FEMMES
DIPLOMEES DE L'ENSEIGNEMENT SUPERIEUR:
excès de travail, trajectoires affectives non
réalisées et préjudices émotionnels**

*Maria Chaves Jardim
Thaís Caetano de Souza*

Les études sur l'amour se sont développées au fil des années, soulignant la centralité que le sujet a gagné dans la société contemporaine. Dans cet agenda d'études, un sujet peu étudié est l'absence ou la privation d'amour. Dans cet article, nous cherchons à objectiver le manque d'amour d'un groupe de femmes célibataires, hétérosexuelles, âgées de 40 ans et diplômées de l'enseignement supérieur. Notre stratégie méthodologique était l'immersion virtuelle basée sur un cours sur les relations et la reconstruction de la trajectoire émotionnelle de deux femmes. Les données indiquent que ces femmes font partie d'une génération qui a investi dans leur carrière et qui a donc connu une rupture dans leur trajectoire émotionnelle lorsqu'elles ont transgressé l'une des principales règles du domaine de l'amour : le mariage. De plus, un travail excessif contribuerait à isoler émotionnellement ces femmes, qui commencent à souffrir de pertes émotionnelles en raison du manque émotionnel.

MOTS-CLÉS: Amour. Travail. Carrière. Trajectoire non terminée. Préjudices émotionnels..

